

Alimentação para muitos

Nádia Bandeira Sacenco Kornijezuk¹

¹Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: nadia.kornijezuk@gmail.com

Recebido em 17.10.12

Aceito em 28.10.2012

RESENHA

GUILLOU, Marion ; MATHERON, Gérard. *9 milliards d'hommes à nourrir - Un défi pour demain*. Paris: Editions Bourin, 2011. 420 p. Bibliografia; Índice Remissivo; Glossário; Figuras. ISBN: 978-2-84941-239-8752 361.0.

O título do livro de Marion Guillou e Gerard Matheron indica a sua pergunta central: como alimentar adequadamente nove bilhões de seres humanos daqui a poucas décadas? Nove bilhões é a população mundial estimada pela ONU para a segunda metade do século XXI.

Guillou é presidente do *Institut National de la Recherche Agronomique* (INRA) e Matheron preside o *Centre de coopération internationale en recherche agronomique pour le développement* (CIRAD). Os autores reuniram as suas experiências em conexão com cenários definidos por especialistas oriundos de várias disciplinas para escrever uma obra que desenvolve o tema malthusiano da adequação entre a necessidade de alimentos e a sua produção, e vão além. Isso porque, mesmo que Malthus esteja errado, e se não nos extinguirmos devido à nossa incapacidade de produzir alimentos no ritmo do crescimento populacional, o que dizer do esgotamento dos recursos naturais, considerando-se que agricultura pode degradar os solos e poluir os lençóis freáticos, além de contribuir para as mudanças climáticas?

Para construir esse quadro, os autores apresentam vários aspectos da alimentação, do micro ao macro, do campo à cidade, da agricultura à indústria. É sabido que a alimentação é um dos traços culturais mais marcantes da humanidade. Os autores exploram isso ao mostrar as doenças advindas da alimentação, as formas como as impactam o planeta a partir de suas escolhas alimentares. Colocam também até o fato de que a política pode girar em torno dos alimentos, se os tempos estiverem difíceis. Acompanhando Emmanuel Le Roy Ladurie, os autores mostram

que são justamente as dificuldades de alimentação que determinam, geralmente, situações pré-revolucionárias.

Quando Guillou e Matheron se colocam a pergunta “como alimentar os prováveis 9 bilhões de pessoas que habitarão o planeta Terra em 2050?”, eles acrescentam o imperativo de “respeito aos ecossistemas”. Assim, eles lançam mão de previsões da ONU, baseadas em tendências demográficas em diferentes regiões do mundo, e dos cenários *Agrimonde Global Orchestration* e *Agrimonde 01*, construídos pelo CIRAD e pelo INRA em 2006. No primeiro cenário o mundo se preocupa em se alimentar sem incorporar a componente da sustentabilidade ambiental. No segundo, ao contrário, predomina o meio ambiente equilibrado. Eles concluem que, se o segundo cenário for seguido, o mundo terá condições de alcançar a segurança alimentar e nutricional, considerando toda a cadeia alimentar e o meio ambiente, da produção à distribuição. Caso contrário, algumas localidades apresentarão epidemias de desnutrição e esgotamento dos recursos naturais. Mas, a tendência de *business as usual* é essa mesma do *Global Orchestration*.

O livro se divide em dez capítulos. O início mostra que a ciência passou, finalmente, a partir do século XXI, a desempenhar o seu papel na planificação formal da segurança alimentar. No capítulo dois os autores analisam os efeitos das políticas públicas de combate à obesidade na França e em alguns países da Europa, dentro do pressuposto de que elas devem subsidiar somente alimentos saudáveis. Os capítulos três e quatro tratam das perdas na produção agrícola, especialmente nos países do Sul. Os autores analisam minuciosamente o assunto, mostrando o ciclo das perdas, desde os produtores, passando pelo beneficiamento, os subprodutos alimentares, até chegar aos lixos domésticos. As ações necessárias para reduzir as perdas contemplam a melhora da higiene, do empacotamento e da refrigeração até a compostagem, a organização e o uso de sobras na alimentação de animais. Os autores ressaltam que inovações tecnológicas são urgentes nesse campo.

Os capítulos cinco, seis e sete tratam dos bens concorrem com a agricultura pela utilização da terra (biocombustíveis e biodiversidade) e discutem se há terra suficiente para os três. Guillou e Matheron mostram, com eficiência, que a biodiversidade é muitas vezes colabora com a agricultura, sem competir com ela, por conta dos serviços ambientais que ela presta: polinização, oferta de água, aumento da resiliência dos solos e aumento da produção agrícola. Prevendo o esgotamento dos combustíveis fósseis, eles defendem que a biomassa precisa substituir parcialmente o petróleo, de forma equilibrada. Constatam que haverá terras agricultáveis suficientes para cada um dos nove bilhões de *Homo sapiens* de 2050. Colocam o Brasil no topo da lista de celeiros do mundo, por ter espaço, terra e clima satisfatórios para a produção de alimentos.

Os capítulos oito, nove e dez tratam da geografia da fome nos dias de hoje e chamam a atenção para a necessidade de uma governança da segurança alimentar e da agricultura produtiva e ecológica. O *Global Hunger Index*, da ONU, mostra que as regiões que mais sofrem com a desnutrição são o sul da Ásia e a África subsaariana. O consumo excessivo de calorias em diferentes partes do mundo também é analisa-

do: as economias emergentes podem estar sofrendo de transições nutricionais abruptas, mostradas nos exemplos do aumento de crianças obesas em Xangai e o sobrepeso apresentado por sete em cada dez mexicanos. Os autores defendem que a transgenia não necessariamente melhora a produção de alimentos, mas uma agricultura puramente orgânica também não seria a solução, em virtude de sua produtividade mais baixa. A transgenia deve ser uma tecnologia disponível, ainda que para uso restrito em situações críticas, como por exemplo o desenvolvimento de sementes mais resistentes aos efeitos das mudanças climáticas.

Na conclusão, são propostas seis recomendações: a realização de pesquisas agroecológicas com foco no campo e no camponês; pesquisas feitas em parceria com os países do Sul; investimento na luta contra a fome; redução da volatilidade dos preços dos alimentos; fomento da inovação para a alimentação saudável e ambientalmente responsável; e um sistema centralizado de governança global para a segurança alimentar.

Um ponto importante defendido pelos autores é a necessidade de elevar o status dos alimentos ao nível de “bem público”, criando um mercado diferenciado para os mesmos, com regras especiais para os países mais pobres. Seria algo como um sistema para regular a volatilidade dos preços dos alimentos. Independentemente de a tendência demográfica prevista pela ONU se concretizar, vivemos o momento de maior população de toda a história. Assim, a visão de urgência dos autores é justificada pela análise da dimensão social existente nos dias atuais, na qual existem quase um bilhão de pessoas em estado de insegurança alimentar grave.

O cálculo da quantidade de alimentos necessários se baseia na marca de 3.000 quilocalorias por dia, por pessoa, conforme os critérios da FAO. Esse cálculo se refere à quantidade de alimentos produzidos, e não necessariamente os alimentos consumidos. Os autores chamam atenção para o fato de que só um quinto desse total deverá ter procedência animal. Isso porque, no cenário do equilíbrio ambiental, são levados em conta fatores de saúde, de economia (a produção leiteira e de corte força o aumento dos preços dos cereais) e ambientais (a quantidade de biomassa necessária para a produção de proteína animal é cinco vezes maior que aquela necessária para a produção de proteína vegetal). Os autores consideram ainda a premência da diminuição de perdas de produção agrícola, especialmente nos países do Sul.

O grande mérito dos autores foi escrever uma obra acessível ao grande público, sem deixar de lado o rigor científico. O livro é um convite ao conhecimento da abordagem científica da segurança alimentar mundial e do que deve ser realizado em termos de investimentos na agricultura, para que se produza mais, de forma sustentável e acessível a todos, e de acordo com padrões de qualidade rigorosos. Para Guillou e Matheron, essas seriam as tábuas de salvação, para que não pereçamos, assim como aconteceu com tantas sociedades, em virtude da planificação alimentar ineficiente. O livro estimula ainda a adoção de práticas nutricionais saudáveis, mostrando que o modelo dos países ricos não é nem desejável nem generalizável, e que podemos produzir e consumir evitando desperdícios e criando uma “sociedade da moderação”.

